

ALÉM DO BURACO NEGRO: discursos misóginos sobre a mulher cientista no *Instagram*

Kalem Kanyk Fernandes Gomes¹
Francisco Vieira da Silva²

Resumo

Este texto analisa comentários produzidos na rede social *Instagram* acerca da notícia em torno da descoberta do buraco negro pela cientista norte-americana Katie Bouman, em abril de 2019. O objetivo consiste em analisar como esses comentários inserem-se no âmbito de uma prática discursiva misógina a qual concebe a mulher como um sujeito indigno a ocupar um lugar no campo científico. O *corpus* de análise é composto por oito comentários retirados dos perfis @comecorda e @uoloficial no *Instagram*. Para fundamentar as análises, parte-se principalmente da perspectiva teórica de Michel Foucault acerca do discurso, do enunciado, da prática discursiva, do saber e poder. Do ponto de vista metodológico, tem-se um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. As análises permitem observar que os comentários acerca da descoberta de Katie Bouman assinalam-se por efeitos de uma misoginia responsável por reduzir o feito científico da pesquisadora ao capricho de uma mulher curiosa, sexualizar o corpo feminino e desacreditar o trabalho desenvolvido pela cientista.

Palavras-chave: Discurso; Mulher cientista; Misoginia.

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Docente de Língua Portuguesa da Escola Municipal André Pedro da Silva, na cidade de Belém do Brejo do Cruz, estado da Paraíba, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1699-6346>. E-mail: kallemkannyk@hotmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduado em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), na cidade de Caraubas, estado do Rio Grande do Norte, Brasil, e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4922-8826>. E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com.

BEYOND THE BLACK HOLE: misogynist discourses about the scientist woman of Instagram

Abstract

This text analyzes comments produced on the social network Instagram about the news concerning the discovery of the black hole by the American scientist Katie Bouman, in April 2019. The aim is to analyze how these comments fall within the scope of a misogynistic discursive practice, which conceives women as an unworthy subject to occupy a place in the scientific field. It bases the analysis corpus on eight comments taken from the @comecorda and @uoloficial Instagram profiles. To support the analyzes, based mainly on the theoretical framework of Michel Foucault about the discourse, the statement, the discursive practice, the knowledge, and power. From a methodological point of view, it is a descriptive-interpretative study of a qualitative nature. The analyzes allow observing that the comments about the discovery of Katie Bouman are characterized by the effects of misogyny, which is responsible for reducing the scientific achievement of the researcher to the vagary of a curious woman, sexualizing the female body and discrediting the work developed by the scientist.

Keywords: Discourse; Scientist woman; Misogyny.

MÁS ALLÁ DEL AGUJERO NEGRO: discursos misóginos sobre la mujer científica en *Instagram*

Resumen

Este texto analiza los comentarios producidos en la red social Instagram sobre la noticia en torno al descubrimiento del agujero negro por parte de la científica estadounidense Katie Bouman, en abril de 2019. El objetivo es analizar cómo estos comentarios caen en el ámbito de una práctica discursiva misógina que concibe la mujer como sujeto indigno de ocupar un lugar en el campo científico. El corpus de análisis consta de ocho comentarios tomados de los perfiles @comecorda y @uoloficial en Instagram. Para sustentar los análisis partimos de la perspectiva teórica de Michel Foucault sobre el discurso, el enunciado, la práctica discursiva, el conocimiento y el poder. Desde el punto de vista metodológico, se trata de un estudio descriptivo-interpretativo de carácter cualitativo. Los análisis permiten observar que los comentarios sobre el descubrimiento de Katie Bouman están marcados por los efectos de una misoginia responsable de reducir el logro científico de la investigadora al capricho de una mujer curiosa, sexualizando el cuerpo femenino y desacreditando el trabajo desarrollado por la científica.

Palabras clave: Habla; Mujer científica; Misoginia.

Durante muito tempo, o corpo feminino concentrou as marcas da subordinação e da exclusão, esteve sob a mira de diversas interpretações e representações e foi gerido por normas e valores de ordem moral, ética, estética e científica. Tais afirmações corroboram o fato apontado por Rago (1985) de que, desde o princípio da história da civilização, a dominação masculina foi predominante, tanto dentro do lar como fora dele, atribuindo à mulher a posição de submissa e dominada. A principal característica desse regime patriarcal residia no fato de que ao homem estava reservado o domínio público, ou seja, as mais variadas relações sociais, a política e os negócios; à mulher, no que lhe concerne, era destinada ao domínio privado, isto é, a casa e o círculo familiar.

Em decorrência do reforço de uma hipotética inferioridade natural, as mulheres enfrentaram inúmeros desafios no que tange a inserção em determinadas áreas profissionais, visto que estas não possuíam o corpo “apropriado” para desempenhar atividades externas ao ambiente doméstico. Diante disso, entende-se o fato de que a participação das mulheres na história das ciências foi marcada por pela ausência.

No início da Revolução Científica, muitas mulheres envolveram-se com atividades consideradas científicas, bem como observando os céus por meio de telescópios, olhando através de microscópio, avaliando plantas, insetos e outros animais, sempre ao lado de seus pais, irmãos, maridos, ou filhos cientistas (SCHIEBINGER, 2001). Entretanto, sabe-se que, por muito tempo, com algumas exceções, as mulheres foram impedidas de desenvolver pesquisas até mesmo como auxiliares, já que por séculos, devido às relações de poder (FOUCAULT, 1979) estabelecidas historicamente, não tiveram acesso às instituições de ensino, pois a elas estava designado assumir o cuidado da casa, dos filhos e do marido (SILVA, 2012). Embora tal cenário tenha sido sensivelmente modificado nos últimos anos, desde quando a mulher ingressou no mercado de trabalho e conquistou diversas garantias e direitos, ainda persistem discursos e práticas culturalmente assentados que podemos considerar como misóginos, na medida em que tentam descaracterizar o sujeito mulher e suas conquistas, inserindo-a em posições de subalternidade em

relação aos homens e objetificando sexualmente o seu corpo. Para Priore (2011, p. 35), “[...] quer na filosofia quer na moral, ou na ética do período [séculos XVII e XVIII], a mulher era considerada um ninho de pecados”.

A partir destes apontamentos, o presente trabalho pretende analisar discursos misóginos sobre a mulher cientista em perfis do *Instagram*, buscando especificamente estudar quais posicionamentos discursivos e relações de saber-poder estão presentes no funcionamento de tais discursos. Para tanto, partimos da repercussão midiática em torno da descoberta do buraco negro pela cientista norte-americana Katie Bouman, em abril de 2019. O *corpus* da pesquisa é constituído por duas postagens e oito comentários disponíveis na rede social *Instagram*, precisamente nos perfis @comecorda e @uoloficial.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa segue uma visada descritivo-interpretativo, cuja abordagem configura-se fundamentalmente qualitativa, porquanto importa descrever e interpretar o fenômeno da misoginia nas postagens a serem analisadas, prescindindo de dados numéricos e/outras variáveis quantitativas, senão pela observação minuciosa do fenômeno estudado. A escolha das postagens e comentários dos perfis antes mencionados ocorreu com base no seguinte critério: os perfis deveriam ter facetas distintas no âmbito da rede digital - o primeiro é um perfil de humor e o segundo é de um portal de notícias, para que, assim, pudéssemos observar que a misoginia irrompe sob diferentes gatilhos. Para ancorar as análises desenvolvidas, parte-se da perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos, especificamente por meio das noções de discurso, de enunciado, de formação discursiva, de prática discursiva e, de modo mais verticalizado, de saber, de poder e de verdade.

No que concerne à estruturação deste texto, convém frisar que, além destes comentários introdutórios, o artigo encontra-se organizado da seguinte maneira: na seção posterior, atentamos para a reflexão teórica acerca dos principais conceitos foucaultianos. No tópico ulterior, têm-se as análises do *corpus* selecionado e, em um último momento desta produção, traçamos alguns comentários com feições conclusivas.

DO DISCURSO À VERDADE: ELUCIDAÇÕES FOUCAULTIANAS

Ao pensar acerca das contribuições de Michel Foucault no campo dos estudos do discurso, Fernandes (2012) pondera que, desde as pesquisas inaugurais do filósofo francês, desenvolvidas na década de 1960, vislumbrou-se o comprometimento de Foucault em captar o discurso como objeto de investigação. No primeiro livro, *A História da Loucura* (1961), Foucault compreende o nascimento do objeto “loucura” em meio a uma ampla série de discursos históricos que permitem esse aparecimento, análise a qual Foucault (1997, p.407) nomeia de “percepção”, em que a relação teórica e prática estabelecida com o louco é intimamente associada aos procedimentos de exclusão institucional. Quer dizer, o processo de enclausuramento possibilitou uma primitiva “percepção” da loucura, a qual se ampliará em formulações de conhecimento e saber.

Ulteriormente, em *O Nascimento da Clínica* (1963), Machado (1982) frisa que Foucault faz uma análise sobre a formação da medicina. Do lado avesso das tradicionais histórias, o método de Foucault não apresenta uma explicação sobre o nascimento da medicina moderna por uma oposição entre teoria e experiência, mas a partir de um deslocamento de um olhar de superfície que se limita a visualizar sintomas, para um olhar profundo, que faz com que o invisível se transforme em visível por meio da investigação em torno do organismo enfermo. Já na obra *As palavras e as coisas* (1966), o autor observa os discursos quanto às epistemes procurando compreender quais as condições de possibilidades necessárias para a construção do saber humano, ou seja, Foucault passa a observar o homem como um objeto de saber.

Em *A Arqueologia do Saber* (1969), Foucault coloca-se como um “arqueólogo escavador de discursos” (FERNANDES, 2012, p.13). Na obra, o filósofo não busca descrever os discursos das disciplinas científicas em sua relação com as verdades que estes discursos podem fazer aparecer, mas procura apresentar seus limiares, seus limites e pontos de cruzamento, o que Foucault (2008, p.180) chama de um “emaranhado de interpositividades”.

Para Foucault (2008, p.61), “[...] o discurso, assim concebido, não é manifestação [...] de um jeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário,

um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo”. Segundo o autor, o discurso é um espaço de exterioridade em que é desenvolvida uma rede de lugares distintos.

Com base na referida reflexão do filósofo, compreendemos que o autor sublinha a noção de discurso. Foucault (1996) entende o discurso como uma prática que constrói os objetos de que fala e como um conjunto de enunciados que provêm de uma mesma formação discursiva. Ao inclinar-se de modo arqueológico sobre os estudos em torno dos enunciados, nomeadamente os enunciados que constituem os discursos das ciências humanas, Foucault (2008) busca saber por que determinados enunciados foram produzidos e em qual campo social surgiam. Para o autor, “[...] é preciso saber a que se refere o enunciado, qual é seu espaço de correlações, para poder dizer se uma proposição tem ou não um referente [...]” (FOUCAULT, 2008, p.101). Por esse ângulo, chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, uma vez que se apoiem na mesma formação discursiva, isto é, todo e qualquer enunciado que pertencer a uma regularidade, conservando o mesmo posicionamento, constitui um discurso. É justamente essa relação existente entre enunciados que permite o filósofo francês dissertar acerca das formações discursivas. De acordo com o pensador, quando for possível a descrição de um sistema de dispersão semelhante entre enunciados, e quando se puder definir uma regularidade entre os objetos, enunciações, conceitos e temas, estaremos diante de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008).

Desse modo, não podemos confundir discurso com enunciado, visto que o primeiro compreende inúmeros enunciados. No discurso da medicina, por exemplo, Foucault (2008) pondera que há diversos outros enunciados proferidos por sujeitos da área que possuem determinado *status* e pertencem a uma determinada formação discursiva, dessa maneira, o conjunto de enunciados desses sujeitos da área referida constituem o discurso médico. Em suma, “[...] um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo” (FOUCAULT, 2008, p.132).

Segundo as ponderações do autor supracitado, a definição de formação discursiva é ligada a uma ideia de regularidade, de ordem, de correlação, de funcionamento e de transformação, tendo em vista que também se estabelece pela

noção de dispersão, porque se apresenta como um conjunto de enunciados que não são reduzidos a objetos linguísticos, tais como proposições, atos de fala ou frases.

Sobre a definição de prática discursiva, Foucault (2008) sinaliza que não se deve compreendê-la com a expressão pela qual o indivíduo formula uma ideia, nem com a competência do sujeito em construir frases gramaticais, tampouco com a habilidade do indivíduo em compreender outros enunciados. Conforme o filósofo, a prática discursiva refere-se a “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p.133).

Enquanto a arqueologia (Ser-Saber) buscou a análise das gêneses e as transformações dos saberes na esfera das ciências humanas, Machado (1982, p. 187) assegura que a genealogia (Poder-Saber) investiga a emergência dos saberes, que se dá a partir de “condições de possibilidade externas aos próprios saberes, ou melhor, que, imanentes a eles, pois não se trata de considerá-los como efeito ou resultante, os situam como elementos de um dispositivo de natureza essencialmente estratégica”.

Para o filósofo francês, o poder não se localiza e tampouco pode ser percebido apenas em determinada instituição ou Estado. O poder, sob essa ótica, não é algo que o indivíduo cede a um governante, mas acontece como uma relação de forças. Nesse sentido, “O poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação; [...] o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força” (FOUCAULT, 1979, p.175). Desse modo, na qualidade de relação de forças, o poder está em toda a parte. Consequentemente, todos os indivíduos estão envolvidos em relações de poder e não podem ser considerados independente ou alheios a elas.

De acordo com Danner e Oliveira (2009), Foucault trata de analisar o poder partindo não de um centro, como, por exemplo, o Estado, nem busca perceber como ele se exerce em níveis mais baixos da sociedade; mas, ao contrário, Foucault parte desses micropoderes que atravessam as relações sociais e percebe como eles se relacionam com a estrutura mais geral do poder (o Estado).

Assim, o poder não pode ser visto como um processo centralizado de dominação que seria exercido nos mais variados setores da vida social, mas como uma rede de dispositivos ou mecanismos que perpassa toda a sociedade e do qual nada nem ninguém pode se esquivar (DANNER; OLIVEIRA, 2009). Dito de modo mais específico, as relações de poder que subjagam a mulher, por exemplo, estão presentes em todos os lugares e nos comentários das redes sociais essas relações matizam a produção de discursos que se encontram permeados por um certo imaginário social, segundo o qual o sujeito que comenta sente-se “livre” para afirmar tudo que pensa, sem se preocupar com o impacto que seu dizer gera.

Diante disso, como já mencionamos acima, o poder é “um conjunto difuso de micropoderes no nível cotidiano, penetrando em toda trama da sociedade ao mesmo tempo em que os saberes se organizam para atender a uma vontade de poder” (MASCIA, 2002, p.63), isto é, não há sociedade isenta das relações de poder. Ademais, o saber não existe afastado do poder, pois se constitui uma das maneiras de assegurar o *status* de verdade ao discurso; em suma, o saber funciona como um elemento portador do poder.

Em relação ao saber, Foucault (2008, p.204) ratifica:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; [...] um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; [...] um saber. Oé também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; [...] finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso.

Por conseguinte, segundo os apontamentos do filósofo, o saber justifica alguns sistemas, garantindo ao discurso um regime de verdade. Sobre isso, Veiga-Neto (2007) salienta que, para Foucault, o saber corresponde a uma construção histórica, em que produz suas verdades e seus regimes de verdade, que respectivamente se estabelecem e se revelam nas práticas discursivas e não-discursivas. No mais, em Veiga-Neto (2007, pp. 129-130), constatamos que “as relações de força constituem o poder, ao passo que as relações de forma constituem o saber”.

Podemos dizer que o saber alimenta o poder, pois confere a este um valor de verdade. De acordo com os apontamentos foucaultianos, a verdade não corresponde a uma espécie de prêmio dado aos espíritos livres, como um benefício concedido àqueles que possuíram o conhecimento necessário para sua libertação, pois, em *Microfísica do poder*, Foucault (1979, p.12) pondera que:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Isso quer dizer que a verdade, sendo deste mundo, é construída através de processos econômicos, políticos e sociais, é o resultado de mutações históricas precisas e não da criação de verdades universais. Além do mais, para Foucault (1979), a verdade está centralizada no discurso científico, sendo produzida sob o controle dominante de instituições políticas e/ou econômicas e, por conseguinte, seu valor e sentido encontram-se relacionados a um determinado momento histórico-social.

Ainda nessa continuidade, Foucault entende por verdade “um conjunto de procedimentos regulados para a produção [...] que está, circularmente, ligado a sistemas de poder” (FOUCAULT, 1979, p.14). Assim, como já mencionamos acima, a verdade se instala na nossa sociedade, preferencialmente, por meio do discurso científico. “Em suma, a questão política não é o erro, a ilusão, a consciência alienada ou ideologia; é a própria verdade” (FOUCAULT, 1979, p.14). Em Foucault (1979), a verdade é apresentada como elemento indissociável das relações de poder, tendo em vista que para o filósofo, os dois preexistem e se intercambiam na natureza social.

LUGAR DE MULHER É NA CIÊNCIA? MISOGINIA EM DISCURSOS DO *INSTAGRAM*

A primeira materialidade analisada trata de um *print* de uma postagem, inicialmente publicada no *Twitter* (@thiagoresth) e depois postada no perfil

humorístico @comecorda no *Instagram*, no dia 13 de abril de 2019. A postagem se manifesta do seguinte modo: “Cara se um buraco negro a 58 milhões de anos luz foi achado por uma mulher você acha que você no barzinho da esquina vai se esconder”.

Essa materialidade discursiva alude à descoberta de Katie Bouman, cientista responsável pela captura da imagem do buraco negro, divulgada mundialmente no dia 10 de abril de 2019, evento considerado um marco histórico para a ciência. A posição que enuncia assume um lugar que, ainda que se ancore no humor, o qual suavizaria os efeitos do dito, parte de um regime de verdade responsável por conceber a mulher como um sujeito curioso, mas não do ponto de vista de uma capacitação para investigar cientificamente os fatos e, sim, para construir uma representação de uma mulher cujo comportamento delineia ciúme e insegurança, pois investiga de modo meticuloso os passos de seu companheiro. O termo “cara” delineia para quem o discurso é endereçado e para quem é necessário ter cautela frente ao faro aguçado da mulher.

Nos dias que seguem, o perfil @comecorda alcança cerca de 4 milhões de seguidores, e, por isso, suas publicações recebem um número muito elevado de comentários. No que toca à postagem aqui analisada, destacamos alguns desses comentários, os quais corroboram relações de poder que desvalorizam o trabalho feito por Bouman e a minimizam de maneira explícita, quando comparam a descoberta histórica a ações “típicas” de uma mulher tomada pelo sentimento de ciúme do seu parceiro amoroso. Assim, o comentário 1 destaca *Aqui estou mais um dia, sob o olhar sanguinário do vigia ...* Vemos que o posicionamento presente no comentário contribui para a associação da descoberta feita por Bouman a uma mulher que se destina vigiar e controlar o comportamento do homem, sendo associada a um sujeito que tenta disciplinar seu parceiro. Ao debruçarmo-nos mais um pouco sobre o enunciado, identificamos que este se insere num domínio de memória, ou seja, de enunciados já ditos e que são retomados, pois se atrela a um trecho da canção “Diário de um detento”, escrita por Mano Brown, do grupo Racionais MC's, que, apoiado em relatos de presos do Carandiru, descreve a chacina de 111 detentos, no ano de 1992: “São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã/ Aqui estou, mais um dia/ Sob o olhar sanguinário do vigia/ Você não sabe

como é caminhar com a cabeça na mira de um HK/ Metralhadora alemã ou de Israel/ Estraçalha ladrão que nem papel [...]”.

Assim, o comentário 1 parte do posicionamento de que a cientista Bouman, por ter conseguido fotografar o buraco negro, agiu de modo vigilante e dessa forma, pode ser compreendida como um ‘inspetor’ (BENTHAM, 2000), figura presente nas prisões descritas por Foucault (2010) que, de um lugar privilegiado de um corpo que olha, e com esse olhar pode controlar outro corpo, como testificamos nos trechos da canção interpretada pelo grupo Racionais MC’s.

Seguindo as análises, o comentário 2 indaga: *Quem é o FBI perto de uma mulher curiosa?*

Ao compreendermos a verdade como um “[...] conjunto de procedimentos que permitem pronunciar, a cada instante e a cada um, enunciados que serão considerados como verdadeiros” (FOUCAULT, 2006, p.54), concebemos que esse posicionamento discursivo constrói-se um regime de verdade, segundo o qual uma mulher, quando movida pela curiosidade, torna-se mais eficiente do que o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) ou Departamento Federal de Investigação, unidade de polícia do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, que funciona como uma polícia de investigação e um serviço de inteligência. Essa associação reitera a construção da mulher como um sujeito cuja curiosidade é capaz de descobrir os fatos mais ocultos. Mais uma vez, há o funcionamento de relações de poder que banalizam o feito alcançado pela pesquisadora Katie Bouman, ao inserir essa descoberta no campo das relações cotidianas entre os casais, pois os comentários seguem uma espécie de continuidade em relação ao teor da postagem.

Já o comentário 3: *As mulheres são todas do FBI na real* sinaliza a concordância com o enunciado do comentário 2 e generaliza essa verdade de que a mulher seria dotada de mecanismos responsáveis por uma investigação notável das atitudes e dos comportamentos do seu companheiro, como a descoberta de possíveis relações extraconjugais.

Já o comentário 4 busca negar a descoberta de Katie Bouman. Segundo esse posicionamento discursivo, *Não foi uma mulher, parem de ser idiotas e manipulados*. Flagramos no funcionamento discursivo a emergência de uma posição que se coloca no lugar do esclarecimento e volve para os demais internautas um dizer de alerta. A

ideia de que a mídia é manipuladora insere a notabilidade de Bouman no campo da dúvida. A negação do fato encontra eco num regime de verdade que concebe a mulher como um sujeito incapaz de realizar certos feitos.

Nessa ótica, a repercussão midiática em torno de Bouman gerou como corolário falsas informações, segundo as quais a descoberta do Buraco Negro teria sido realizada por um colega de trabalho da cientista. Isso nos mostra que “[...] as relações de poder são, portanto, móveis, reversíveis e instáveis” (FOUCAULT, 2004, p. 276). Ou seja, no momento de emergência do acontecimento midiático sobre Bouman, observa-se um levante de vozes que busca desprezar a informação de instituições oficiais e, com isso, mitigar o impacto que esse fato provoca na história da ciência. Não é descabido associar esse dizer a irrupção de um contradiscurso que constrói a mídia, de um modo geral, como um agente de difusão de posicionamentos alinhados com a esquerda política, dentre os quais podemos incluir a agenda feminista.

Para desmentir essas notícias, Harvard Andrew Chael, parceiro de trabalho de Bouman, saiu em defesa da companheira de pesquisa pelo *Twitter*: “Embora eu aprecie os parabéns por um resultado que eu trabalhei duro por anos, se você está me parabenizando porque você tem uma vingança sexista contra Katie, por favor, vá embora e reconsidere suas prioridades na vida”. O pesquisador fez o depoimento após constatar a circulação *fake news*, nas quais se lia que ele seria o responsável por 90% do trabalho e o mérito de Kate Bouman seria uma farsa.

A segunda materialidade analisada constitui uma notícia veiculada no perfil @uoloficial, do *Instagram*. A figura 2 expõe Katie Bouman, cientista norte-americana, como a responsável pela captura da imagem buraco negro, fato mundialmente divulgado no dia 10 de abril de 2019. Na materialidade aparece a foto da pesquisadora sorrindo e o seguinte dizer: “Cientista de 29 anos foi a responsável por imagem do buraco negro”.

A notícia enfatiza a idade da cientista e sublinha o feito histórico realizado por ela, permitindo interpretar o seguinte: mesmo jovem, a pesquisadora foi capaz de realizar algo talvez inimaginável por muitos, já que é um corpo a descumprir as regras culturalmente assentadas acerca da imagem do sujeito cientista. Conforme Massarini, Castelfranchi e Pedreira (2019), num estudo realizado acerca das

representações de cientistas nos programas jornalísticos *Jornal Nacional* e *Fantástico*, a construção discursiva de ciência remete ao universo “[...] majoritariamente masculino, com protagonistas predominantemente brancos e de meia idade”. (MASSARINI; CASTELFRANCHI; PEDREIRA, 2019, p. 1).

Desta materialidade, destacamos o comentário 5 que diz: *Einstein já tinha visto isso a muito tempo... Nós homens sempre a frente!* Em um primeiro momento, o enunciado retoma a equação feita pelo físico teórico Albert Einstein, há um século. Na ocasião, Einstein calculou que a força da gravidade conseguiria distorcer o espaço-tempo. As equações desse físico alemão estabeleciam que um corpo de densidade bastante elevada poderia esconder-se por trás de um horizonte de eventos. Esse horizonte de eventos é o que se visualiza na imagem capturada por Bouman. Além disso, as equações de relatividade geral formuladas pelo físico também pressagiavam que um horizonte de eventos deveria possuir uma forma circular e tamanho correspondente à massa do buraco negro, de modo que a imagem feita por Bouman comprova a célebre teoria de Einstein.

Entretanto, o enunciado aqui analisado expressa uma tentativa de demérito no que tange à descoberta da cientista, visto que este se apoia em uma ideia sexista, que, de modo preconceituoso (FORMIGA, 2011), visa a desqualificar o trabalho da pesquisadora. Ao mencionar de modo generalizado que os homens estão sempre à frente das mulheres, o sujeito que enuncia faz figurar efeitos de sentido que corroboram a marcante disparidade gênero no campo científico, pois o gênero constitui uma construção social, articulada a relações de poder (FOUCAULT, 1979) existentes entre homens e mulheres. Além disso, temos o funcionamento de um regime de verdade que nega qualquer conquista feminina, pois as mulheres são incapazes de realizar descobertas as quais podem entrar para a história. O aspecto de novidade advindo do feito de Bouman é liquefeito em face de um dizer que se dota de uma posição sentenciadora: homens estão à frente! O sujeito enuncia no plural (nós) e, com isso, convoca outros a se identificarem com esse posicionamento, o qual se ancora em relações de saber (as mulheres são incapazes) e de poder (os homens estão sempre à frente).

A partir disso, apresentamos o comentário 6: *Parabéns! Merece lavar minhas roupas kkk*. Compreendendo que, para Foucault (1979), não existe sociedade sem

relações de poder e que o poder atua sobre os corpos, no enunciado em foco, podemos radiografar o funcionamento de um dizer irônico em relação ao cumprimento destinado a cientista, pela captura da imagem do buraco negro, pois, em seguida, o posicionamento insere o sujeito mulher num lugar de subalternidade em relação ao homem, dada a sugestão de que a pesquisadora iria lavar as roupas do autor do comentário. Dessa maneira, o enunciado caracteriza-se como uma ofensa a Bouman, porque a enxerta no ambiente doméstico, espaço social marcado pela exploração da força de trabalho feminina, assim como intenta minimizar a importância do seu trabalho, convidando-a a realizar esta prática como forma de “premiação” pelo feito. O uso de recursos da linguagem digital para suavizar o dizer e entronizá-lo no âmbito do humor (kkk) funciona para os que compactuam com esse modo de enxergar a situação da mulher na atualidade. Ou seja, tem-se uma posição que se contrapõe ao discurso do empoderamento feminino e realça uma verdade que nos é dada pela memória acerca de práticas históricas a que a mulher esteve submetida e ainda está em algumas sociedades.

O binarismo pontua que a identidade feminina depende sempre do seu oposto, criando uma representação fundamentada na submissão. Nessa perspectiva, Grosz (2000) assinala que o mais importante aqui é a correlação e associação da oposição mente/corpo com a distinção entre macho e fêmea. Partindo dessa assertiva e considerando que o corpo feminino torna-se o que Foucault (1979) chama de “corpos dóceis”, aqueles cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, apresentamos o comentário 7: *Quero conhecer o buraco negro dela tbm*. O enunciado associa o buraco negro, corpo astronômico capaz de gerar um campo gravitacional do qual nenhuma partícula pode escapar, fotografado por Bouman, ao órgão sexual da cientista. Desse modo, a sexualidade da mulher é objetificada, usada como um mecanismo em que se entrecortam relações de força. Acerca disso, Langton (2005) assinala que a objetificação ocorre quando há um tratamento que reduz o sujeito ao corpo ou parte dele. No comentário em análise, Kate Bouman é metonimicamente representada somente pelo seu órgão sexual, de modo a reforçar o posicionamento ancorado num saber que a restringe apenas à questão do sexo e numa relação de poder, por meio da qual o sujeito pode usufruir desse órgão.

Por fim, apresentamos o comentário 8 que afirma: *Ela não é instagramer nem youtuber???* Aqui no brasil vc tem que ter seguidores e balançar a raba. Mulher brasileira tá longe dessa realidade”. De início, há um questionamento acerca da profissão de Bouman, pois o perfil afirma que, no “brasil”, só são reconhecidas as mulheres que gravam vídeos para as redes sociais *Instagram* e *YouTube*. Pode-se entrever aí uma crítica dirigida às blogueiras e *youtubers* brasileiras. Isto posto, é válido destacar que, para Foucault (2008, p. 204), “[...] um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso”. Assim, o enunciado aponta que, para receber reconhecimento social no Brasil, a cientista precisaria se encaixar em uma dessas categorias, expondo ainda outras duas condições: “possuir seguidores e balançar a raba”.

Aqui, retomamos novamente a questão da objetificação e/ou sexualização do corpo feminino, visto que o comentário é finalizado com uma espécie de constatação segundo a qual a mulher brasileira encontra-se em uma posição distante de Bouman. Sob esse ângulo, as brasileiras não teriam aptidão que as igulassem a da cientista mencionada. Isso corrobora o fato de que as mulheres brasileiras são seguidamente representadas por seus corpos exageradamente sexualizados, pois, em conformidade com Piscitelli (2011), a ligação entre gênero e nacionalidade contribui para a construção de discursos sobre as mulheres e seus corpos. Há, pois, um imaginário social reducionista em torno da mulher brasileira que faz funcionar o posicionamento discursivo no comentário em tela, ou seja, as mulheres do país expõem seus corpos e, desse modo, só são reconhecidas por essa atitude, indignas de produzir um saber socialmente mais prestigiado.

ANOTAÇÕES CONCLUSIVAS

Neste texto, projetamos um olhar analítico sobre duas postagens publicadas no Instagram, que tratam da descoberta do buraco negro pela cientista Kate Bouman, e comentários de internautas a respeito das referidas postagens. Propomo-nos a pensar como os posicionamentos discursivos dessas materialidades matizam-se em práticas misóginas e se ancoram em relações de saber-poder. Assim, no perfil @comecorda, a figura de Bouman associa-se à imagem de uma mulher ciumenta e

curiosa, ao passo que a postagem do perfil @uoloficial ocorre a divulgação da descoberta do buraco negro feita pela jovem cientista. Conforme afirmamos anteriormente, os comentários sobre estas materialidades ancoram-se em regimes de verdade historicamente estabelecidos, os quais concebem a figura feminina como sujeito intelectualmente inferior ao homem e incapaz de desenvolver trabalhos tão significativos como o da pesquisadora norte-americana.

Outra constatação resultante das análises desenvolvidas diz respeito ao funcionamento das relações de saber-poder a atravessarem os discursos analisados. Assim, tem-se uma tentativa de ridicularização da figura de Bouman, acompanhada da negação da sua descoberta científica. Isso se materializa em comentários os quais atribuem a credibilidade de feito de Bouman ao seu colega de trabalho; quando se constata que tal descoberta estaria atrelada ao perfil de uma mulher ciumenta e histérica e, quando insinua que, por ter capturado a imagem do buraco negro, ela merecia como “prêmio” lavar roupas.

Vimos, pois, emergirem, por práticas discursivas, dizeres de cunho misógino, os quais objetificaram o corpo de Bouman, assim como o corpo das mulheres brasileiras, apontadas como incapazes de realizar descobertas científicas, visto que usam seus corpos somente para “rebolar a raba”, de modo a ignorar, assim, as diversas mulheres cientistas do Brasil que desenvolvem e contribuem significativamente para o desenvolvimento científico e tecnológico do país e do mundo.

Dessa maneira, o corpo feminino é continuamente julgado e objeto de atribuições que culminam no desenhar de um sujeito e de um corpo incapaz de atuar no campo da ciência, corroborando, pois, a histórica disparidade de gênero existente no âmbito do conhecimento científico, de maneira a contribuir sobremaneira para o silenciamento da participação feminina neste campo. Noutros termos, trata-se de um corpo fora do lugar, fora da ordem historicamente perfilada para os corpos das mulheres, mas, por outro lado, tem-se um corpo que resiste e promove importantes fissuras na história.

REFERÊNCIAS

BENTHAM, Jeremy. *O Panótipo ou a casa da inspeção*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O Panótipo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 13-84.

CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In: CONFORTIN, Helena *Representações do Feminino*. Campinas: Átomo, 2003. p. 107-123.

DANNER, Fernando; OLIVEIRA, Nythamar de. A Genealogia do Poder em Michel Foucault. In: IV MOSTRA DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO PUCRS, 4., 2009, Porto Alegre. *Anais...*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. p.786 - 794. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/IVmostra/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FORMIGA, Nilton Soares; Inventário do sexismo ambivalente em brasileiros: sua acurácia estrutural. *Salud e Sociedad*, Rio de Janeiro, v.2. n. 2. p. 192 - 201. Maio - Agosto de 2011. Disponível em: <https://revistas.ucn.cl/index.php/saludysociedad/article/view/817>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Poder e saber*. Entrevista gravada em Paris, em 13 de outubro de 1977. In: MOTTA, M. B. (Org). Michel Foucault: estratégia, poder-saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.223-240. (Ditos e escritos, v. IV).

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 14, p. 45-86, 2000. Disponível em:

LANGTON, Rae. Feminism In Philosophy. In: JACKSON, Frank; SMITH, Michael (Org.). *The Oxford Handbook of Contemporary Philosophy*. Nova Iorque, EUA: Oxford University Press, 2005. p. 231-257.

MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber - A Trajetória da Arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MASCIA, Márcia Aparecida Amador. *Investigações discursivas na pós-modernidade: uma análise das relações poder-saber do discurso político-educacional de língua estrangeira*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MASSARINI, Luísa; CASTELFRANCHI, Yuri; PEDREIRA, Anna Elisa. Cientistas na TV: como homens e mulheres são retratados no Jornal Nacional e no Fantástico, *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 56, p. 1-34, set. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000200505>. Acesso em: 5 out. 2019.

PISCITELLI, Adriana. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia de Oliveira Assis; OLIVAR, José Miguel Nieto (Org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, SP: Unicamp/Pagu, 2011. p. 537-582.

PRIORE, Mary del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.

RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001.

SILVA, Fabiane Ferreira da. *Mulheres na ciência: vozes, tempos, lugares e trajetórias*. Rio Grande: FURG, 2012. 147f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/5028>. Acesso em: 12 jun. 2020.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.